

Relatório Histórico-Filológico: A Transmissão e Recepção do Corpus Aristotelicum no Ocidente Latino (Sécs. XII-XIII)

1. O Horizonte Inicial: A *Logica Vetus* e a Lacuna do Conhecimento Grego

A paisagem intelectual do Ocidente latino anterior ao século XII era marcada por um isolamento estrutural em relação às grandes tradições sistemáticas da Antiguidade. Mais do que uma simples escassez de livros, o que se observava era uma cultura de fragmentos, *florilegia* e compilações que carecia de uma base metodológica unificada. A transição para uma cultura de sistemas completos, ocorrida no auge da Idade Média, representou não apenas o incremento do saber disponível, mas uma reconfiguração da própria arquitetura epistemológica ocidental, permitindo a transição da exegese puramente textual para a construção de uma ciência da natureza e da metafísica.

Até esse ponto, o conhecimento aristotélico era estritamente limitado ao escopo da *logica vetus*. Este núcleo, preservado graças ao esforço de Boécio e à tradução da *Isagoge* de Porfírio, continha apenas as *Categorias* e o *Da Interpretação*. Todo o restante do *corpus* — as obras físicas, biológicas e a própria *Metafísica* — permanecia em uma zona de sombra para a latinidade. A causa técnica desta lacuna não era o desaparecimento material dos textos, mas a perda da proficiência em língua grega no Ocidente, o que transformou manuscritos fisicamente existentes em monumentos ilegíveis.

Contudo, essa paralisia linguística encontrava um contraponto necessário na vitalidade do Império Bizantino, onde a tradição textual grega era preservada em sua integridade material e técnica.

2. A Salvaguarda Bizantina e a Revolução da Transliteração

Enquanto o Ocidente se estruturava sobre fragmentos latinos, Bizâncio funcionava como um centro ativo de preservação filológica. Aristóteles nunca deixou de ser o eixo do currículo escolar e monástico em Constantinopla, mantendo-se como uma herança viva. No entanto, a sobrevivência desses textos para a posteridade dependeu de um movimento técnico crucial ocorrido entre os séculos IX e X: a **transliteração**.

Sob o impulso do chamado "primeiro humanismo bizantino", figuras como o patriarca Fócio, Leão o Matemático e Aretas de Cesareia promoveram a transcrição sistemática dos textos da antiga escrita uncial (maiúscula) para a minúscula. Esta inovação técnica não apenas acelerou o processo de cópia em pergaminho, como também reduziu custos, **garantindo que praticamente todos os manuscritos gregos de Aristóteles que hoje fundamentam a crítica textual moderna derivem desta operação.** Assim, a distância entre o Ocidente e o Estagirita era de rota e de idioma, e não

de ausência documental; a massa crítica de textos aguardava apenas os canais de comunicação adequados para fluir em direção ao latim.

Essa massa documental encontraria, a partir do século XII, canais de vazão para o Ocidente através de rotas geográficas específicas, iniciando a era das traduções diretas.

3. A Rota Grega: Tradução Direta e Primazia Textual

A recuperação do Aristóteles grego foi determinante para a precisão terminológica da filosofia escolástica. Diferente das traduções mediadas, a via grega permitiu o acesso à estrutura sintática original, exigindo do latim um esforço de expansão vocabular sem precedentes.

Constantinopla e a *Logica Nova*

A presença de intérpretes bilíngues nos bairros latinos de Constantinopla permitiu que, já em 1128, **Tiago de Veneza** (*Iacobus Veneticus Grecus*) traduzisse os *Tópicos*, os *Analíticos* e os *Elencos Sofísticos*, compondo a *logica nova*. As pesquisas da crítica textual de Lorenzo Minio-Paluello, no âmbito do projeto monumental *Aristoteles Latinus*, confirmam que Tiago foi o pioneiro no acesso à *Física*, ao *De Anima* e aos primeiros livros da *Metafísica*. Um testemunho fundamental da rapidez dessa circulação é **João de Salisbury**, que no seu *Metalogicon* (1159) já discute os *Analíticos Posteriores* — provando que esses textos estavam em uso um século antes da síntese tomista.

A Corte de Palermo e a Sicília

A Sicília normanda, com seu caráter trilingue e herança bizantina, serviu como o segundo grande polo. **Henrique Aristipo**, arcediogo de Catânia, traduziu por volta de 1160 o *Mênnon*, o *Fédon* e o livro IV dos *Meteorológicos*. É significativo que, neste mesmo ambiente, o *Almagesto* de Ptolomeu tenha sido vertido ao latim, demonstrando que a recepção de Aristóteles estava inserida em um interesse mais amplo pelas ciências exatas.

Guilherme de Moerbeke e a Revisão Final

A culminância da rota grega ocorreu com **Guilherme de Moerbeke** após 1204. Atuando como um ecdota de campo na Grécia latina, Moerbeke revisou e traduziu quase todo o *corpus* aristotélico. Sua técnica *ad verbum* (palavra por palavra), embora criticada por sua dureza estilística, ofereceu aos mestres do século XIII a transparência textual necessária para o comentário rigoroso.

Enquanto a rota grega entregava o texto bruto e sua literalidade, uma via paralela forneceria o aparato hermenêutico necessário para converter esses textos em um sistema de pensamento operável.

4. A Rota Árabe: Toledo e a Mediação Hermenêutica

A via árabe transformou Aristóteles de um autor de tratados isolados em um "modo de pensar". Através de Toledo, reconquistada em 1085, o Ocidente recebeu não apenas o texto, mas a "agenda de questões" formulada por séculos de erudição islâmica. Tradutores como **Gerardo de Cremona** e **Miguel Escoto** foram os mediadores dessa herança, onde o pensamento de Aristóteles vinha acompanhado dos comentários de Averróis e das sínteses de Avicena.

A complexidade dessa transmissão é melhor ilustrada pela estratigrafia textual da *Metafísica*, que circulou em camadas concorrentes:

Versão	Origem	Autor e data aproximada
<i>Metaphysica vetustissima</i>	Grego	Atribuída a Tiago de Veneza (c. 1125-1150)
<i>Metaphysica media</i>	Grego	Anônima (c. 1220)
<i>Metaphysica nova</i>	Árabe	Miguel Escoto (com Averróis, c. 1220-1235)
Revisão de Moerbeke	Grego	Guilherme de Moerbeke (c. 1260-1270)

Esta pluralidade de fontes demonstra que o Ocidente não apenas "descobriu" Aristóteles, mas o reconstruiu através de um século e meio de trabalho acumulado. A via árabe foi essencial para fornecer o método de abordagem e a moldura científica que permitiram aos latinos navegar pela densidade das obras físicas e metafísicas.

Contudo, a abundância repentina de textos e as interpretações heterodoxas oriundas do mundo árabe geraram um choque institucional nas estruturas de ensino tradicionais.

5. O Embate Institucional: Do Veto à Integração na Universidade de Paris

A recepção de Aristóteles não foi imediata por razões institucionais: as escolas catedráticas do século XII careciam de um currículo para a filosofia natural. Foi necessário o surgimento da Universidade de Paris, com sua estrutura de faculdade de artes, para que houvesse uma demanda por currículos estatutários e sequências de leitura.

O processo de adoção passou por um período de contenção crítica. As proibições de **1210** e **1215** (Roberto de Courçon) visavam o ensino público da *Metafísica* e dos *libri naturales*, refletindo o temor das interpretações panteístas. Em **1231**, o Papa Gregório IX confirmou as restrições, mas criou uma comissão para "corrigir" os textos antes da liberação. O fato de essa comissão nunca ter concluído o trabalho explica o vácuo regulatório que permitiu a adoção privada e a eventual virada em **1255**.

Neste ano, os estatutos da faculdade de artes de Paris converteram o *corpus* aristotélico no núcleo obrigatório do ensino. O amadurecimento da recepção deveu-se a três fatores: a demanda

institucional por programas fixos, a chegada do aparato de leitura (Averróis) e a mudança na moldura conceitual, impulsionada pelo interesse na medicina e astronomia árabes, que criou o "apetite" por uma ciência autônoma da natureza.

Com a integração curricular consolidada, o esforço escolástico voltou-se para a depuração das fontes, visando isolar a autêntica voz do Estagirita.

6. Depuração Filológica e a Consolidação da Escolástica Madura

A autonomia da filosofia escolástica madura dependeu de um rigoroso exercício de crítica textual. O *corpus* recebido era um amálgama que incluía textos autênticos e obras de matriz neoplatônica erroneamente atribuídas a Aristóteles, as quais conferiam ao aristotelismo medieval inicial um sabor emacionista.

Dois casos são paradigmáticos: a *Theologia Aristotelis*, que na verdade era uma paráfrase das *Enéadas* de **Plotino**, e o *Liber de Causis*, uma adaptação dos *Elementos de Teologia* de **Proclo**. A resolução desses equívocos foi um dos grandes feitos da filologia medieval. Em **1272**, **Tomás de Aquino**, ao confrontar o *Liber de Causis* com a nova tradução que Guilherme de Moerbeke fizera de Proclo, identificou a origem neoplatônica da obra.

Este exercício de crítica textual — um dos primeiros no sentido moderno — foi possível apenas porque a convergência das rotas grega e árabe permitiu a comparação direta de fontes. A estabilização do texto de referência para a Escolástica não foi um evento súbito, mas o resultado de um século e meio de logística material, precisão técnica na tradução e adaptação institucional, consolidando Aristóteles como a base do pensamento ocidental até a modernidade.